

SISTEMISMO x DIALÉTICA: UMA QUESTÃO DE DIFERENCIAÇÃO DE PROPOSTAS

Angela Maria Barreto Areco *

RESUMO

ARECO, A. M. B. *Sistemismo x dialética: uma questão de diferenciação de propostas. Trans-in-formação, 1(2), maio/ago. 1989.*

Caracteriza os dois modelos epistemológicos: sistemismo e dialético para então estabelecer um confronto entre os dois, a partir de suas distinções e similitudes.

Enfatiza o modelo dialético, demonstrando-o como capaz de abarcar as contradições e aspirações do homem.

Unitermos: Modelos epistemológicos – Sistemismo – Dialética.

A proposta presente é a diferenciação entre os modelos sistêmico e dialético de pensar o conhecimento humano.

O desenvolvimento nas áreas da ciência e tecnologia, que desembocou em nosso século de maneira eruptiva, quase impede o homem da compreensão desta situação progressista na qual ele próprio era sujeito e objeto, tal o pânico em que o mesmo fora tomado pela imprevisibilidade e descontrolo do fato.

Buscar a compreensão do mundo sempre foi, em todos os tempos, tarefa filosófica a qual se impõe ao homem pela sua própria singularidade de se fazer conhecer através da explicitação do desconhecido.

A racionalidade acompanha o homem desde os primórdios tempos e as principais questões sobre a vida eram explicadas a partir das forças da natureza.

Quando o conhecimento religioso abarca a explicação dos fenômenos da natureza, a verdade assume o caráter de divindade, de dogmas.

* Professora do Curso de Biblioteconomia das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila – FATEA, Lorena – SP. Mestranda em Biblioteconomia – PUCAMP.

Estes dois pontos: conhecimento filosófico (racional) e religiosidade (misticismo) ajudados pelo senso comum, explicaram a relação homem/mundo durante muito tempo.

Somente no século XVI, com Descartes, aparece a preocupação da compreensão dos fenômenos a partir de suas relações, a partir da observação científica aliada ao raciocínio.

Portanto, podemos dizer que os modelos epistemológicos, da forma sistematizada, metodizada como os conhecemos atualmente, são características do período moderno e se fazem presentes em todas as áreas do conhecimento subsidiando o homem em sua relação com o mundo.

A maneira pela qual um modelo se apresenta, mais ou menos acentuado, em determinada área é questão polêmica. Particularmente, explicaria o fato pelas próprias diferenças contextuais em cada área, o que implicaria num resgatar de uma explicitação particularizada de cada contexto.

Percebe-se no atual momento, mais pelo senso comum do que através de uma abordagem analítica, a impregnação do modelo sistêmico em várias áreas, senão na maioria, do conhecimento, o que vale dizer que o modo vivente capitalista requer para sua "retroalimentação" e controle a inspiração num modelo que caminhe com ele, lado a lado, mantendo-o com maior garantia de "eficiência" e "eficácia".

Esta afirmativa poderá ser explicitada a partir das características, que serão, a seguir, apresentadas.

Nelas serão observadas questões ligadas ao próprio dinamismo do sistema e a maior delas é a circularidade, ou seja, a repetição e confirmação das ações.

Este tipo de raciocínio, transposto para análise sociológica, legitima a diretividade e coloca como função administrativa a ordem disciplinar, ou seja, a tarefa de harmonização para eficiência máxima do sistema global.

Assim, em termos metodológicos, o sistemismo é perfeitamente adequado à legitimação de poderes, justamente pela sua capacidade de manutenção de ações.

Começarei por delinear os dois modelos em questão a partir de suas peculiaridades para depois, então, estabelecer as referidas diferenciações.

1. DIALÉTICA

O ponto central para o entendimento do método está no compreender o homem enquanto *fazedor* de sua história e a questão da hominização, a partir do trabalho, pois "é no trabalho que o homem se identifica como homem" (MOSTAFA, 7:195).

Para explicitação do instrumento dialético é necessário entender, de acordo com DEMO (3), conceitos de:

a) *historicidade* – é justamente a compreensão do ser como agente social que só se individualiza ao longo do tempo. É bem como diz: FOULQUIÉ 4:76-77 “o próprio sábio faz parte dos materiais de que dispõe e influi inconscientemente nos dados da observação” pois, a “história é inseparável do historiador”.

É essa impossibilidade de separar o observador da coisa observada que caracteriza o real e este real é a própria história uma vez que esta é entendida por Marx dentro do sentido da práxis que significa “um modo de agir no qual o agente, sua ação, e o produto de sua ação são termos intrinsecamente ligados e dependentes uns dos outros, não sendo possível separá-los” (MOSTAFA, 4:94).

b) *processo* – a noção de processo está implícita na questão da história. É a trajetória da ação pois a história “é algum processo que acontece aqui e agora, produzida por nós através de contradições que criamos” (MOSTAFA, 4:48), é ainda o “movimento das coisas para os conceitos, das noções para as coisas” (FOULQUIÉ, 4:94).

KONDER (5), em seu livro *O que é dialética*, diz que para Marx o conhecimento é totalizante e a atividade humana é o processo de totalização que nunca alcança uma etapa definitiva.

c) *mutação social* – o que acarreta a mudança social é o trabalho que se constitui na tarefa de transformar a natureza. É o movimento de contradição e mediação do homem, mediante suas relações de trabalho que traz a mutação social.

Temos aí formado o esquema básico para a compreensão das características da dialética as quais FOULQUIÉ (4) chamou de diálogos em alusão às origens do termo.

O primeiro diálogo estabelece-se entre o a priori e o a posteriori que é resolvido a partir da noção de dualidade, não se admitindo a priorização do primeiro em detrimento do segundo e vice-verso.

O segundo diálogo é entre o concreto e o abstrato que se resolve a partir da compreensão da frase de GONSETH apud FOULQUIÉ (4: 95) de que “o pensamento cria constantemente o abstrato, mas uma vez este libertado, o pensamento não se detém nele para sempre. Recua e procura uma nova realização concreta geralmente mais palpável que a primeira”. Isso redundará a pensar também na inseparabilidade das duas questões e não num pensamento maniqueísta donde um vence o outro. Aqui os contrastes caminham *pari passu*.

O terceiro diálogo é o que se formula a partir das questões sobre o sujeito e objeto e neste aspecto FOULQUIÉ (4: 95), nos explica: “nem subjetivismo puro nem objetividade absoluta, mas informação do sujeito pelo objeto e do objeto pelo sujeito”.

O que percebe é uma noção profunda de complementaridade a partir de uma ótica histórica.

A dialética tem suas remotas origens na Grécia, mas não me deterei em traçar seu percurso histórico mas sim apenas salientar a figura de Hegel como um marco importante na sua solidificação. Ele retoma o ser e não o conhecimento como questão central na filosofia. Assim, passa a estudá-lo num plano objetivo, já que o homem transforma a realidade mas quem impõe o ritmo e as condições da transformação é a realidade objetiva. Portanto, é no trabalho, ou seja, nas atividades políticas e econômicas, desenvolvidas pelo homem que Hegel vai buscar a questão do ser/Universo, a questão da relação sujeito/objeto.

Entretanto, Karl Marx (1818-1883) dá um significado mais denso à dialética quando considera também em suas abordagens o trabalho físico, ignorado por Hegel. É justamente na inseparabilidade do trabalho intelectual e físico que Marx coloca a tônica de sua abordagem. Apresentando o lado negativo do trabalho físico, imputado pela divisão social do mesmo, nos dá a compreensão das deformações sociais a partir dos estamentos criados pela própria sociedade. Assim, o desprestígio do trabalho físico por parte da sociedade é legitimado pelos modelos organizacionais apresentados na sociedade capitalista como forma de esconder suas próprias deformações e em lugar do ser humano reconhecer-se em suas criações, se sente ameaçado por elas. A alienação, entendida por Marx como deformação gerada na estrutura capitalista da divisão social do trabalho, acaba sendo exigida em organizações burocráticas, gerando conflitos e escondendo contradições.

Há divergências entre o conceito de dialética de Hegel e o de Marx. Enquanto que no primeiro há uma visão idealista da realidade, no momento em que o conhecimento acaba sendo entendido como início e fim do movimento, em Marx a visão da realidade não é reduzida ao conhecimento, dá-se uma abordagem materialista ao real. A atividade humana entendida como processo totalizante não alcança etapa definitiva.

FOULQUIÉ (4: 117), aludindo aos marxistas de um modo geral, salienta que a "dialética não é um método como a lógica: consiste num caráter particular de atividade mental" que se propõe não a superar o velho, mas a integrá-lo ao novo dando-lhe significados mais profundos.

2. SISTEMISMO

O sistemismo, como falei no início, está se mantendo como modelo epistemológico em diversas áreas do conhecimento, haja visto que tem impregnado o nosso dia a dia demarcando-o de forma imprecisa na medida em que se propõe a ser um modelo abrangente.

CAPRA (2), em seu livro *O ponto de mutação*, coloca a concepção sistêmica da vida como a única capaz de abarcar e responder as inquietações da vida moderna, sem entretanto, se dar conta do homem como um "elemento" distinto, capaz de interpenetrar nos outros elementos, interagindo

com esses de forma diferenciada, num processo ininterrupto. Para ele "os sistemas são totalidades integradas, cujas propriedades não podem ser reduzidas à de unidades menores." (p. 260)

Entendo que, se assim for, essas totalidades integradas também não são ampliadas, já que, naquele autor, as relações sociais não são vistas a partir do próprio homem.

A concepção sistêmica vê o mundo em termos de relações e integração e do ponto de vista da natureza, já que "as células são sistemas vivos, assim como vários tecidos e órgãos do corpo, sendo o cérebro humano o exemplo mais complexo". A noção de sistema social, entendida a partir das variáveis históricas, fica ausente pois o autor explica que "os sistemas não estão limitados a organismos individuais e suas partes. Os mesmos aspectos de totalidade são exibidos por sistemas sociais e ecossistemas" (p. 260).

As questões reducionismo/holismo constituem-se, a partir da noção orgânica do mundo, o cerne do sistema da vida. A abordagem sistêmica se propõe a um pensamento sintético e explica o comportamento dentro de uma visão teleológica, que explica algo a partir do que este algo estabelece como finalidade.

O que não fica claro é como entender, a partir daí a suposta natureza dinâmica do sistema, se seus elementos estruturais são estáveis e se auto regulam por padrões orgânicos e cíclicos de fluxo de informação?

BERTALANFFY (1) é considerado o criador da teoria geral de sistemas, muito embora CAPRA (2), especificamente no capítulo IV, "a nova visão da realidade", de seu livro sequer mencione o autor.

Mas, indisposições livrescas à parte, as propostas sistêmicas partem de uma concepção orgânica da biologia, propondo-se atentar para a resolução da concepção mecanicista das ciências.

A idéia básica da T.G.S., segundo Bertalanffy (1), é a de se conhecer o fenômeno de maneira totalizante de forma a se fazer "necessário estudar não somente partes e processos isoladamente, mas também resolver os decisivos problemas encontrados na organização e na ordem que os unifica, resultante da interação dinâmica das partes, tornando o comportamento das partes diferentes quando estudado isoladamente" (p. 53).

CAPRA (2: 26), não discorda desse pensamento mas enfatiza a natureza dinâmica das partes, salientando que "suas formas não são estruturas rígidas, mas manifestações flexíveis, embora estáveis, de processos subjacentes."

Para caracterizar o sistemismo é importante considerarmos:

- a) os sistemas existem dentro de sistemas pois "quanto mais estudamos o mundo, vivo, mais nos apercebemos de que a tendência para a associação, para o estabelecimento de vínculos

- los para viver uns dentro de outros e cooperar, é característica essencial dos seres vivos" (CAPRA, 2:272);
- b) globalismo – a natureza orgânica é autônoma mas ao mesmo tempo um componente de um organismo maior. A ordem é resultado da autoorganização dos subsistemas em sistemas globais;
 - c) entropia – desgaste do próprio sistema que é repostado pela auto-regulamentação do mesmo;
 - d) retroalimentação – os sistemas se autoalimentam na medida em que interagem com outros. Isso para CAPRA (2: 262), foi considerado como uma distinção entre os mecanismos orgânicos e de máquina.

Para ele a distinção se torna evidente quando percebemos que "as máquinas funcionam de acordo com cadeias lineares de causa e efeito, e quando sofrem uma avaria pode ser identificada uma causa única. Em contrapartida o funcionamento dos organismos é guiado por modelos cíclicos de fluxo de informação conhecidos por laços de realimentação."

A realimentação, entendida como no acima exposto, se apresenta como modelo para entender este processo também nas organizações sociais.

Em termos da aplicação às ciencias sociais, o sistemismo busca suporte nas proposituras do funcionalismo de Parsons.

O Parsonismo explica ação social e sistema social. A ação é vista como unidade através de variáveis padrões e o sistema através de imperativos funcionais.

Aqui voltamos a insistir na questão do entender o social. Se para o sistêmico ele é entendido a partir de seus arranjos funcionais, como fica a inversão, encontrada no historicista que o entende a partir de sua gênese, de sua evolução?

Esta visão teleológica e este pensamento pretensamente sintético dos sistêmicos em nada explicitam como o sistema abarca as superações históricas, ou seja, a transição de um sistema a outro.

Convém ressaltar que o processo de realimentação é sempre proposto em termos da busca do equilíbrio. CAPRA (2: 264) prefere o uso da palavra estabilidade ao invés de equilíbrio. Para ele "a estabilidade de sistemas auto-organizadores é profundamente dinâmica e não deve ser confundida com equilíbrio. Consiste em manter a mesma estrutura global apesar de mudanças e substituições contínuas de seus componentes".

E é por isso que fica difícil imaginar uma estrutura social equilibrada e estável, ao mesmo tempo dinâmica, processual.

Com estas considerações já se apresenta viável o embate final proposto, ou seja, o de se estabelecerem as diferenciações entre os modelos estudados.

As minhas colocações serão segmentadas para maior elucidação do meu pensamento:

1. *O homem* – a primeira questão a abordar, a meu ver, é a forma pela qual as duas correntes vêem o ser. Enquanto no modelo dialético o homem é dotado de uma valoração, na medida em que a própria natureza é percebida a partir dele, no modelo sistêmico ele integra a natureza como um elemento funcional em busca de objetivos e finalidades, que atentem para os imperativos da sociedade global.

Assim não é ele quem faz a história, haja visto que, no sistemismo, a história é encarada como alteração do sistema. No sistemismo parece imperar um “ponto de vista adaptativo. . . na qualidade de técnica de domesticação do conflito e de depuração do comportamento desviado” (DEMQ 3: 244). Com isso se entende a mutação social não como uma superação histórica mas como entrave dentro do sistema e passível de solução.

2. *O ponto de vista* – chamo de ponto de vista os ângulos da questão, a forma de percepção a que os modelos se reportam em suas explicações. O sistemismo se reporta à natureza. É essa quem vai dar-lhe a chave da interpretação do mundo. É a partir dos organismos vivos que se tem a compreensão dos fenômenos todos. Na dialética a interpretação do mundo, inclusive da própria natureza, é dada a partir da sociedade, ou seja, do privilégio que se dá aos fenômenos sociais, como é o caso das relações do homem no trabalho. O trabalho é entendido como forma de integração do homem na natureza e visto como o “vir a ser” contínuo das formações sociais. Este caráter histórico se contrapõe ao sistemismo pela sua peculiaridade em entender o mundo como provisório, instável e precário ao invés de naturalmente harmonioso.

3. *O todo* – Ambos os modelos se propõem à concepção do todo a partir das partes, mas o fazem de maneira diferente. O sistemismo estuda a parte dentro do todo de acordo com a natureza dinâmica e harmoniosa entre elas.

A dialética percebe o todo entendendo as partes pelos seus sentidos históricos e na medida de suas ligações humanas.

Ela abstrai a parte do todo para reintegrá-la com um sentido novo. Este sentido novo seria o passar pelo crivo da hominização. É por isso que “conhecer os fatos passa a ser, na concepção dialética, conhecer o lugar que eles ocupam na totalidade do próprio real”. (MOSTAFA, 6: 49).

4. *O conflito* – O sistemismo busca a manutenção do fenômeno por meio de sua retroalimentação e acredita na estabilidade, colocando em segundo plano a mutação. Na dialética o conflito assume posição contrária à estabilidade sistêmica, pois a própria idéia de mutação social, na dialética, decorre da noção de conflito, bem como a noção de transcendência que é a possibilidade de superação.

5. *O processo* – o processo sistêmico é natural, auto-regulador, mantenedor da ordem. O processo dialético é um continuum histórico e não vicioso (idéia de autoalimentação). É o movimento de ir e vir e nunca chegar da realidade social. Esse desenvolvimento da realidade processual faz com que a qualidade de vir-a-ser assuma uma posição de transitoriedade, mas de certa forma nos possibilita o recriar a vida a cada momento.

6. *A realidade e a noção de causa* – no sistemismo o real é manifestado pela sincronicidade dos fenômenos, ou seja, pelo encadeamento dos seus múltiplos níveis. É a noção de ordem (fileiras) subjacentes à auto-organização da realidade. Na dialética a noção de ordem inexistente, bem como a estratificação dos fenômenos. Nela, o real é visto pelo movimento contraditório e é a própria história.

A noção de causa não existe como forma de explicar o real, no modelo sistêmico. Para este basta a relação dos fenômenos entre si para a compreensão e decifração do todo. O presente fica desligado de sua constituição. Para a Dialética, descobrir a causa é "penetrar por baixo do superficial e encontrar as bases de onde os fenômenos partem, bases essas que a ideologia tem por função esconder" (MOSTAFA, *idem*).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na verdade o modelo enfatizado por CAPRA (2) como sendo o ideal para a nova visão da realidade, *pouco tem de novo*, portanto, em nada altera e sim mantém a condição da vida humana, pela sua própria característica reguladora de persistir no tempo. A circularidade sistêmica não dá margem às contradições e fica difícil entender o sentido de evolução a partir de um mundo convivendo harmoniosamente com os atritos e imutável em suas bases.

Não creio no questionamento do autor de que "a visão sistêmica dos organismos é difícil de ser apreendida a partir da perspectiva da ciência clássica, porque requer modificações significativas de muitos conceitos e idéias clássicas". Não fica esclarecido pelo autor, quais seriam essas modificações de conceito.

Destarte, o modelo continua reproduzindo o mecanicismo da ciência clássica e se valendo do pensamento analítico para pensar o todo. Muito embora com ares desenvolvimentistas quando se reporta à cibernética e Teoria da Comunicação para se fazer apresentador interacionista.

É também questionável a idéia de que "as instituições sociais evoluem no sentido de uma complexidade e diferenciação crescente, à semelhança das estruturas orgânicas, e os modelos mentais apresentam a criatividade e o ímpeto de auto-transcendência característicos de toda vida". (CAPRA, 2: 292), pois na vida social, a transcendência não é apenas entendida como forma de rearranjo do sistema mas sim o revolucionar do sistema

e o instaurar das fases novas. A possibilidade é de superação do sistema e não no sistema. Haja visto que os homens são capazes de "antever o trabalho a realizar" (MOSTAFA, 7:194), o que não ocorre com outros seres.

O modelo dialético me parece mais adequado para pensar ciência já que a mesma também é produto da interação entre os homens, é transformação da natureza e "todo saber – e não nos apercebemos suficientemente disso – é um saber de nós próprios. Saber sobre nós próprios não há conhecimento seja ele o mais longínquo ou o mais abstrato, que não nos revele a nós próprios" (GUSDORF apud FOULQUIÉ, 4: 77).

O que se percebe é que o real não é puramente racional e o racional exige ser historicizado para dar conta do social.

Isso com certeza aliviará a complexidade das angústias humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BERTALANFFY, Ludwig von. *Teoria geral dos sistemas*. Petrópolis, Vozes, 1973. 351 p.
2. CAPRA, Fritjo. A nova visão da realidade. In: *O ponto de mutação*. São Paulo, Cultrix, 1988. Cap. IV. p. 259-298.
3. DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo, Atlas, 1980
4. FOULQUIÉ, Paul. Período científico. In: *A dialética*. 3. ed. s. I. p., Publicações Europa-América, 1978, Capítulo II, p. 75-119. Coleção Saber.
5. KONDER, Leandro. *O que é dialética*. São Paulo, Brasiliense, 1986. 102 p.
6. MOSTAFA, Solange Puntel. Biblioteconomia e história: uma abordagem dialética. *Rev. Bras. de Biblioteconomia e Documentação*. (1/2): 47-51, jan-jun. 1981.
7. ————. Ainda sobre metodologia. *R. Esc. Biblioteconomia da UFMG*. Belo Horizonte, 15 (2): 171-201, set. 1986.

ABSTRACT

ARECO, A. M. B. *Systemism and dialectics: a question of porposition's differenciation*. *Trans-in-formação*, 1(2), maio/ago. 1989.

This paper characterizes the two knowledge models: systemism and dialectics for then to establish a comparison between them form its differences and similarities.

It also emphasizes the dialectic model showing its capability to encompass the human contradictions and aspirations.

Recebido: (1ª versão): 21 de setembro de 1988
(2ª versão): 20 de dezembro de 1988
(3ª versão): 6 de julho de 1989